

Ricardo Chicarelli



ESPERANÇA - Indicada para pessoas com epilepsia de difícil controle, a terapia VNS no Estado só era realizada em Curitiba. Porém, há algumas semanas Paulo César Alves de Faria se tornou o primeiro paciente a receber o implante em Londrina. ■ SAÚDE

FOLHA Saúde

“O aparelho vai gerar um pulso elétrico, provocando uma estimulação no núcleo do nervo vago, localizado dentro do cérebro”
Marcos Antônio Dias, neurocirurgião

FOLHA DE LONDRINA, segunda-feira, 20 de outubro de 2014

E-MAIL
saude@folhadelondrina.com.br

Terapia VNS é esperança na epilepsia

Tecnologia que gera impulsos elétricos em nervo cerebral ajuda a prevenir crise generalizada de casos graves da doença

Micaela Orikasa
Reportagem Local

Uma luz que se acendeu no caminho de Paulo César Alves de Faria. Aos 44 anos, ele é o primeiro paciente a ter um VNS (Estimulação do Nervo Vago)

implantado em Londrina. “Não tinha mais nenhuma outra alternativa, até que ouvimos falar do implante do VNS. Tenho esperança que esse tratamento faça algo em mim”, diz ele, recém-operado. Atualmente, Faria está afastado do banco onde atuou

por 30 anos como gerente, devido ao diagnóstico de epilepsia de “difícil controle”, descoberto há 19 anos. A doença é um distúrbio neurológico crônico, caracterizado por crises epiléticas recorrentes que não tenham sido causadas por febre, drogas ou distúrbios metabólicos.

“Ao longo dos anos as crises foram se tornando frequentes, a ponto de ocorrerem a cada 20 dias”, conta. O fato é que a doença atingiu um nível refratário ao tratamento farmacológico, ou seja, Faria não obtinha mais benefícios com o tratamento medicamentoso, o que resultou em uma piora muito grande em termos de qualidade de vida.

“Chegamos em um ponto muito preocupante. Não podíamos nos programar para nada, pois o estado de alerta era 24 horas”, revela a esposa Roseli, com quem tem dois filhos. Ela conta que a luta contra a doença, abalou muito o estado emocional e psicológico do marido.

NOVA TERAPIA

Registrada no Brasil no ano de 2000 pelo Ministério da Saúde por meio da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), a Terapia VNS utiliza um gerador (pequeno aparelho médico) que, por meio de um condutor, envia minúsculos impulsos elétri-

TERAPIA VNS

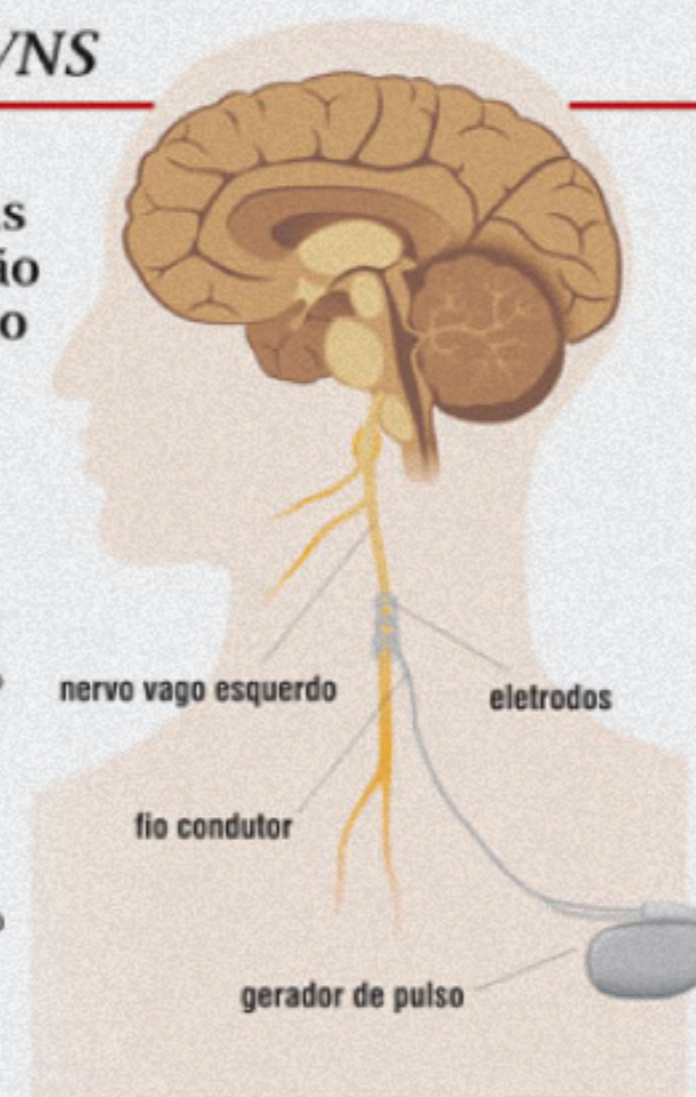
Conheça as características da estimulação do nervo vago

- A terapia atua ajudando a prevenir as irregularidades elétricas que causam as crises epiléticas

- O procedimento não envolve cirurgia cerebral

- A cirurgia é de pequeno porte, geralmente é realizada sob anestesia geral que pode requerer uma curta estadia no hospital

- A programação é efetuada por um palmtop conectado a uma ferramenta que é posicionada sobre o lugar onde o gerador foi implantado. Esse procedimento é indolor



- Por meio de uma pequena incisão o gerador de pulso, com aproximadamente 45 mm de largura, é implantado sob a pele abaixo da clavícula esquerda ou próximo da axila esquerda

- Uma segunda incisão pequena é efetuada no pescoço para fixar dois pequenos eletrodos ao nervo vago esquerdo. Os eletrodos são ligados ao gerador por um fio condutor sob a pele

- O gerador é ligado duas semanas após a cirurgia e é programado pelo médico com a frequência adequada à necessidade do paciente

- Paciente pode ter um controle extra utilizando um bracelete com imã especial. Ao sentir a chegada de uma crise, ao passar o acessório sobre o gerador, é possível parar ou diminuir o tempo de crise, assim como diminuir a severidade da mesma e melhorar o período de recuperação

Fonte: VNS Therapy

Folha Arte

Cirurgia em Londrina facilita acesso à terapia

Até poucas semanas atrás, a Terapia VNS só era possível aos pacientes que se deslocassem para Curitiba, mas agora o procedimento passou a ser uma realidade também em Londrina. O neurocirurgião Marcos Antônio Dias comenta que isso facilitará o acesso das pessoas em relação ao implante e aos acompanhamentos médicos.

Nesta fase inicial, por exemplo, Paulo de Faria, o primeiro paciente operado na cidade, deverá ir ao consultório a cada duas semanas para que o estímulo sejam aumentados até um nível ideal para suas necessidades. É importante lembrar que o VNS não impede a crise, mas

evita que ela generalize.

Segundo o neurocirurgião, na intervenção feita em Londrina, o paciente deverá ficar apenas com as crises parciais, como por exemplo, visão de flashes, movimentação de braços involuntariamente e desligamentos da realidade por alguns segundos.

“Já chorei muito porque acordava da crise amarrado à cama. Só assim me dava conta que tinha tido um convulsão. Hoje, não sinto nada, apenas uma rouquidão na voz a cada três segundos, que é quando recebo o estímulo elétrico, mas é um inconveniente muito pequeno perto da mudança que pode ocorrer na minha vida”, completa Paulo. (M.O.)

Opção apenas para pacientes refratários

A Terapia VNS é indicada somente para pacientes com epilepsia de difícil controle. Portanto, para que ela seja uma opção ao tratamento, o indivíduo deverá ter passado por várias associações e doses dos medicamentos, definidos pelo médico neurologista.

“Até um momento em que ele está com a dose máxima em todos os remédios e continua fazendo crise convulsiva. É o caso do paciente implantado em Londrina. É preciso esclarecer que paciente epilético controlado

por remédio, não é candidato ao VNS”, ressalta Dias.

O estimulador pode ser implantado tanto em adultos quanto crianças, que inclusive respondem melhor aos efeitos. Hoje, em todo o mundo estima-se que a epilepsia atinja de 0,5 a 1% da população pediátrica.

Ainda de acordo com o neurocirurgião, a intervenção cirúrgica requer um corte pequeno na região do pescoço e no peito, próximo à clavícula, onde será implantada a bateria, que tem duração aproximada de cin-

co anos. Após esse período é feita uma troca.

“O monitoramento do estimulador é feito por telemetria, possibilitando ao médico controlar uma série de variáveis. Vale lembrar ainda que mesmo com o implante, os medicamentos são mantidos”, acrescenta.

Todo paciente terá uma carteira de portador que deverá ser apresentada em estabelecimentos com portas giratórias. Aparelhos eletrônicos em geral não afetam o gerador, mas para a realização de alguns exa-

mes, como por exemplo ressonância, o médico deverá consultar o manual do médico da Terapia VNS para checar as recomendações.

De acordo com o neurocirurgião, a cobertura para o implante e o estimulador é obrigatória nos planos de saúde e o procedimento também é possível pelo Sistema Único de Saúde (SUS) desde que haja um credenciamento do hospital, em geral, os universitários. “Muitos acabam conseguindo por via jurídica”, revela. (M.O.)

pecializado em neurocirurgia funcional.

“Até os anos 1970, 1980 e meados de 1990, se praticava a terapia ablativa (lesão). Em pacientes com epilepsia, por exemplo, se retirava uma determinada região do cérebro doente ou destruía-se de maneira controlada estruturas cerebrais. São técnicas invasivas, e que, em alguns casos, ainda se pratica”, comenta Dias, ao afirmar que o implante do VNS já integra as chamadas “novas terapias”.

Por funcionar como um minicomputador na bateria implantada, o VNS possui função modulatória e permite uma série de programações. “Passamos de uma fase

de ablação (lesão) e adicionamos a modulação. Implantamos um aparelho que vai emitir uma série de sinais, com características que vão tentar reproduzir aquilo que o organismo não consegue”, explica.

Com isso, o aparelho vai principalmente inibir a generalização da crise. Isso ocorre porque o eletrodo é implantado no nervo vago, um dos maiores do nosso organismo. “Ele vai gerar um pulso elétrico, provocando uma estimulação no núcleo do vago localizado dentro do cérebro e este vai ‘conversar’ com uma série de estruturas, impedindo que a crise convulsiva progreda”, salienta.



“Não tinha mais nenhuma outra alternativa, até que ouvimos falar do implante do VNS. Tenho esperança que esse tratamento faça algo em mim”, comenta Paulo César de Faria